

* CEAACP –
Universidade
do Algarve
jbernar@ualg.pt

** Município de Lagoa
ismael.medeiros@
cm-lagoa.pt

Boca do Rio (Budens, Vila do Bispo): novos dados de uma *villa* piscícola romana

João Pedro Bernardes*
Ismael Estevens Medeiros**

Resumo O sítio da Boca do Rio é bem conhecido desde que o tsunami de 1755 colocou à vista, até hoje, as suas ruínas romanas. Cento e vinte anos depois iniciam-se um conjunto de campanhas arqueológicas, suscitadas, em grande parte, pela tentativa de resgatar da destruição pela ação marítima os bem conservados testemunhos da presença romana. Este artigo, apresentado nos Encontros de Arqueologia do Algarve de 2011, do qual nunca saíram atas, dá sobretudo conta de mais uma dessas campanhas com vista a salvar um mosaico do sítio, permitindo esta intervenção conhecer um pouco mais desta notável estação arqueológica e de propor uma interpretação do sítio no que concerne à sua organização funcional e à sua classificação como *villa* marítima de vocação produtiva, cujo “*fundus*” era o mar e a *pars frumentaria* as *officinae salsamentariae*.

Abstract The archaeological site of Boca do Rio is well known since the 1755 tsunami put in sight its Roman ruins. 120 years later began a set of archaeological campaigns, raised in large part by trying to rescue from destruction by maritime action the well preserved remains of Roman presence. This article gives another account of these particular campaigns in order to rescue a mosaic of the site. This campaign also enabled to see some more of this remarkable archaeological station and to propose an interpretation of the site with regard to their functional organization and its classification as a productive maritime villa, whose “*fundus*” was the sea and the *officinae salsamentariae* the *pars frumentaria*.



Fig. 1 – Planta levantada por Estácio da Veiga.

1. Introdução

Boca do Rio é um sítio arqueológico romano do concelho de Vila do Bispo classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-Lei n.º 129/77, de 29 de setembro, cuja zona especial de proteção foi definida pela portaria n.º 900/91, de 4 de setembro. Trata-se de um complexo piscícola de grande dimensão, com uma estrutura que lembra as *villae* latifundiárias da mesma época, pautado por duas realidades espaciais: uma habitacional e termal, na frente de mar; outra industrial, nas traseiras da primeira, à semelhança dos pátios agrícolas de muitas *villae* rurais. Vamos encontrar este modelo de estruturação da indústria conserveira, por exemplo, na Vila Real de Santo António setecentista. Tal como na Época Romana, atrás do edificado habitacional, neste caso voltado a Espanha e ao Rio Guadiana, proliferavam os pátios com as estruturas de laboração (Bernardes, Martins & Ferreira 2008, p. 118).

As primeiras notícias da descoberta de ruínas no sítio são do século XVIII. O forte temporal de 1715 e o tsunami que se seguiu ao grande sismo de 1755 revelaram notáveis vestígios de construções romanas (Lopes, 1841; Leal, 1873; Azevedo, 1896, p. 315; Rocha, 1909, p. 95). Os relatos de então mencionam estruturas associa-

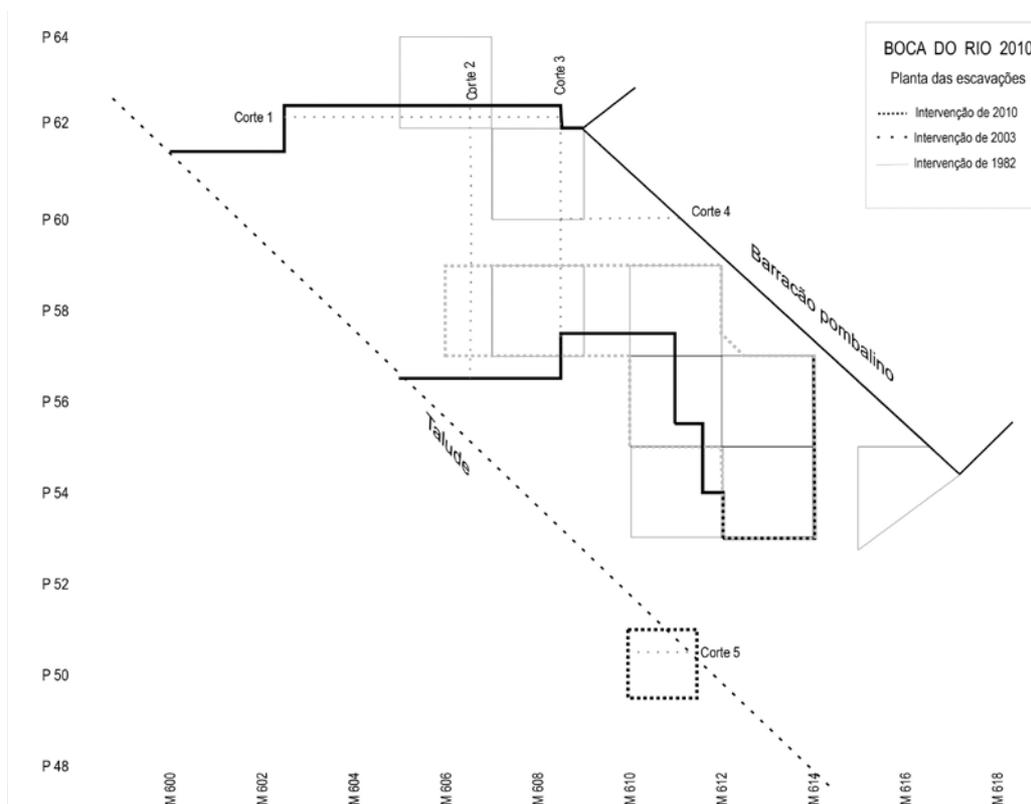
das a banhos, uma porta com grades de ferro, estuques, colunas de mármore, mosaicos, epigrafia e outros objetos, entre os quais uma moeda em cobre de Nero. Estácio da Veiga escava no sítio em 1878, devendo-se a ele o primeiro, e até hoje mais completo, levantamento das estruturas romanas (Veiga, 1910, p. 212, Fig. 1).

Em 1894, António Santos Rocha, com o propósito de enriquecer os depósitos do museu da Figueira da Foz, também escava no sítio (Rocha, 1896, p. 78), tal como José Formosinho, motivado também pela necessidade de apetrechar o recém-fundado museu de Lagos em 1930 (Viana, Formosinho & Ferreira, 1953, pp. 113–138).

Formosinho extrai parte do mosaico da sala K da planta de Estácio da Veiga, já então muito danificado pela ação do mar (Formosinho, 1997, p. 60), e abre “*valas de reconhecimento*” a norte da área escavada pelo arqueólogo oitocentista, encontrando um grande número de estruturas onde se incluem “*piscinas com formas diversas e fundo e paredes de formigão*” (*Apontamentos*). Abre ainda mais “*duas valas estreitas*”, uma das quais com 60 m na direção nascente – poente, a partir da área de onde extraiu o mosaico (*Apontamentos*).

Em 1982, Francisco Alves abre sondagens na área escavada nas intervenções anteriores, coincidentes, sobretudo, na frente marítima junto

Fig. 2 – Plano de escavações de 2010 com indicação das intervenções de F. Alves e A. Silveira.



aos pavilhões pombalinos que ali se veem, mas também na parte industrial onde identifica três núcleos com tanques de salga (Alves, 1997). Em 2003 o sítio volta a receber intervenções com o resgate da sepultura e respetivo esqueleto que apareciam na falésia a oeste da praia, na necrópole assinalada por Santos Rocha (1896), bem como uma curta intervenção de diagnóstico e de limpeza dirigida por Adolfo Silveira com a nossa colaboração (Bernardes, Martins & Ferreira, 2008). Cinco anos depois, levámos a cabo o registo das estruturas na frente marítima que estavam em risco de desaparecer (Medeiros, 2009), bem como a prospeção geomagnética em parceria com uma equipa alemã da Goethe Universität (Frankfurt). Os resultados desta prospeção, que incidiram fundamentalmente na área localizada a norte do talude, demonstraram a existência de inúmeros alinhamentos de estruturas e compartimentos, prefigurando a existência de múltiplos conjuntos de cetárias de acordo com o que já tinha sido detetado por Francisco Alves. Em 2010, o inverno foi rigoroso tornando-se evidente a erosão sobre o talude onde se encontram as ruínas. Em resultado disso, em março desse ano, numa das visitas de rotina ao sítio, demos com fragmentos de mosaico no areal da praia,

oriundos do troço do talude defronte dos barracões pombalinos onde se via em corte uma fiada de *tesselae*. De imediato procurámos intervir na sua salvaguarda ao propor à Direção-Regional de Cultura do Algarve a escavação integrada no projeto *A Exploração dos Recursos Marinhos Algarvios Durante a Época Romana*. O levantamento do mosaico viria a ser efetuado pela empresa Era Arqueologia que ganhou o concurso lançado para o efeito por aquela Direção Regional. Este mosaico, já registado por Estácio da Veiga no séc. XIX, e dado como desaparecido por José Formosinho cinco décadas depois, tratava-se do piso dos compartimentos C+D da planta do arqueólogo oitocentista, de novo escavados por Francisco Alves e Adolfo Silveira. A escavação incidiu numa área com 35 m² correspondente às estruturas registadas por Estácio, Formosinho, Alves e ação conjunta de 2003 (Fig. 2). O objetivo era pôr à vista o mosaico, visando a posterior remoção, a cargo de técnicos especializados, já que era previsível a continuidade da sua destruição caso ali permanecesse (Bernardes, 2007), assim como obter dados crono-estratigráficos de forma a (re)interpretar a planta de Estácio e melhor compreender a ocupação do sítio.

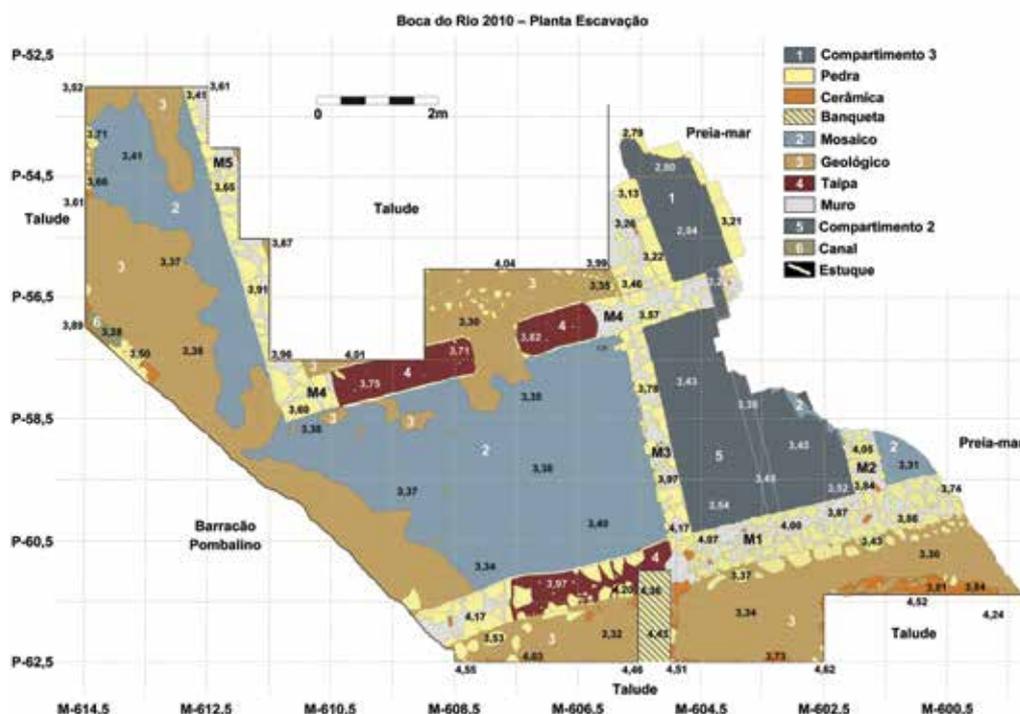


Fig. 3 – Planta da escavação (áreas 1 a 4).

2. A intervenção de 2010

2.1. As estruturas

Tendo presentes aqueles objetivos, a zona a intervir foi dividida em cinco áreas arqueológicas (Fig. 3): a área 1, a oeste do muro m1; a área 2, correspondente à estrutura da Época Moderna 2, que esteve relacionada com as atividades da armação de pesca ali implantada já no século XVI; a área 3, concernente à estrutura igualmente da Época Moderna 3, ligada à anterior; a área 4, respeitante aos compartimentos C+D da planta de Estácio de Veiga; e a área 5, dentro do espaço dos compartimentos F e E' da mesma planta.

Foram registadas as seguintes estruturas:

a) O muro m1, o mais ocidental da área escavada e que corresponde à parede poente da área D da planta oitocentista, apresentava duas técnicas de construção: uma, que arrancava do enrocamento com duas fiadas de blocos calcários bem esquadriados mais uma camada intermédia de lajes calcárias com ligante argiloso (embora as juntas fossem tapadas com argamassa de cal que, à maneira de reboco, cobria todo o muro); e outra, que se lhes sobrepunha, com pedras informes e seixos calcários ligados

por argila e argamassa de cal e sobre a qual se viam vestígios de taipa. O muro, a pouco mais de um metro antes da esquina sudoeste do pavilhão sul pombalino, infletia ligeiramente, para noroeste, o que corresponde a um segundo momento construtivo marcado pelo seu prolongamento para noroeste, com uma diretriz que passa sob as paredes poentes dos armazéns pombalinos. Esta parte de m1, que designámos de m1+, encosta ao topo de m1, aqui construído como um cunhal, possuindo na sua parte superior duas lajes fincadas de cutelo para sustentar as pedras e a taipa, ainda que, genericamente, estejamos perante mesmas técnicas construtivas neste troço do muro (Fig. 4).

b) A estrutura da Época Moderna 2, delimitada a oeste e este pelos muros que ladeavam o corredor D (m1 e m4) e a norte e sul pelos muros que lhes são perpendiculares (m2 e m3). Estácio não assinalou esta estrutura que assentava no mosaico romano, apresentando o compartimento D livre, o que pode explicar-se pelo facto de ter inferido a sua extensão total a partir da escavação de apenas alguns troços dos muros que o delimitavam e/ou da escavação por vala que acompanhava apenas os lados externos das estruturas. Os muros m2 e m3 foram erguidos sobre o mosaico, tal como o piso de silhares quadrangulares, de 0,25 m

Fig. 4 – Área escavada para extrair o mosaico.
 A – Área 2
 B – m3
 C – Compartmento D
 D – m4
 E – Barracão Pombalino
 F – Compartmento C

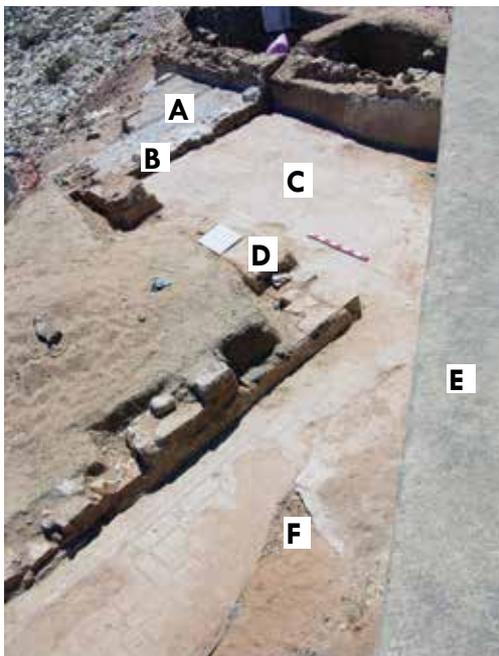
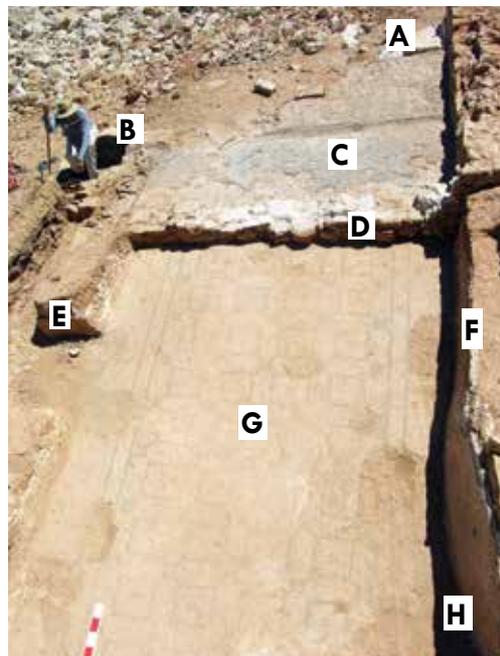


Fig. 5 – Mosaico romano com estrutura de Época Moderna sobreposta.
 A – m2
 B – 3
 C – Área 2
 D – m3
 E – m4
 F – m1
 G – Compartmento D
 H – m1+



a 0,30 m de lado, sendo o pavimento romano amplamente destruído para ali assentar os silhares de forma a conseguir um solo nivelado e ligeiramente convergente para o centro, onde corria um canal aberto em telhas de canudo invertidas. Este rego, bem como os silhares, apresentava ligeira inclinação para nascente de maneira a infletir para outro compartimento estreito e alongado (área 3).

Os muros m2 e m3 eram rebocados e apresentavam, junto à base, vestígios de pez que cobria completamente os compartimentos 2 e 3, concentrando-se na espessura máxima de 0,02 m no interior do canal. Trata-se de uma substância viscosa que permite associar estas divisórias à arte da pesca, uma vez que o pez era aplicado na impermeabilização de cordas e redes e na calafetagem de fundos de embarcações, sendo provavelmente ali que se armazenavam e tratavam essas alfaias. Alguns metais e vários pesos de rede cerâmicos encontrados no compartimento 3 concorrem para confirmar a funcionalidade destes compartimentos. Os muros constituíam-se por balastros irregulares, maiores em m2 que em m3, nalguns casos travados por pedaços de cerâmica romana e da Época Moderna e pequenas pedras argamassadas. m3 não estava completo, e era mais estreito que m2, do qual só se conservava um pequeno troço que arrancava do muro romano m1. Os topos poentes das estruturas m2 e m3 cobriam, assim, o estuque que revestia m1, sendo visível,

particularmente na ligação de m3 a m1, que as primeiras camadas foram removidas para proporcionar melhor aderência. A parte superior de m3 prolongava-se sobre m1, com o qual fazia corpo, enquanto a inferior, aqui constituída por alguns silhares esquadriados, encostava à camada de estuque mais antiga. Uma vez que aqui a parte superior de m1 (a tal 2.ª fase construtiva, com pedras informes) se (con) funde com m3, pode corresponder ao reaproveitamento e alteamento do muro romano por parte dos habitantes da praia na Época Moderna. Com efeito, nesta parte de m1 a técnica era similar à de m3, até porque, para além de taipa ou terra, havia argamassa a unir as pedras informes. Em m2 e m3 subsistiram vestígios que provam que os muros eram argamassados pelo lado que dava para o interior do compartimento que delimitavam. Após os registos, estes muros foram desmontados e o piso de silhares retirado para levantamento do mosaico que lhes subjazia, verificando-se que grande parte foi destruída aquando da construção das estruturas da Época Moderna (Fig. 5).

c) A estrutura 3, da Época Moderna, para onde convergia o caneiro, de dimensões reduzidas, estreita, alongada e regular, e que dava continuidade à funcionalidade da estrutura 2, à qual encostava através de um grande silhar em cutelo. Cotava-se inferiormente a esta em c. de 0,50 m. A técnica de construção utilizada

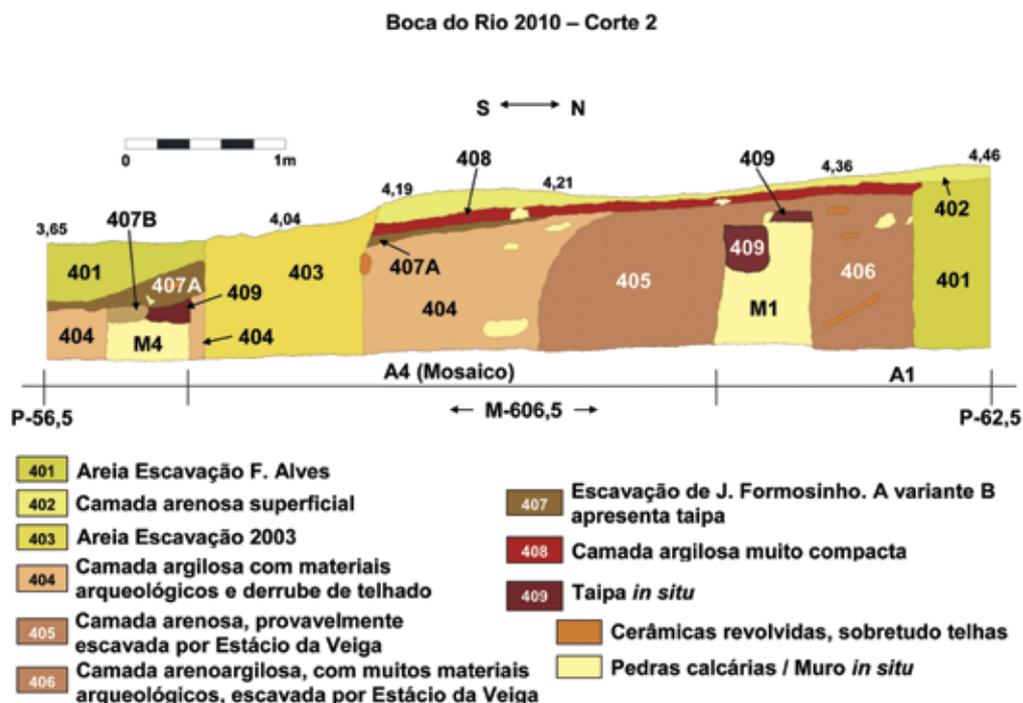


Fig. 11 – Perfil estratigráfico da área 4 (corte 2).

era a mesma e, para além do piso, as paredes eram igualmente revestidas a pez. O rego de telhas atravessava o muro m4, para desaguar no compartimento 3, que não sabemos se ou como fechava pelo lado oposto. Encostava através de grandes silhares calcários dispostos em cutelo ao muro da sala E da planta de Estácio. Elementos construtivos do mesmo tipo fechavam o lado do mar, definindo um receptáculo com c. de 2,20 m de comprimento preservado e 0,70 m de largura original. De assinalar que, mais uma vez, o desenho de Estácio da Veiga nesta parte não corresponde às estruturas encontradas. Estes erros devem-se ao facto, como já dissemos para justificar a ausência na planta da estrutura da área 2, de o arqueólogo oitocentista ter feito as suas escavações seguindo apenas um dos lados dos muros, acompanhando-os pelos dois lados, mas apenas parcialmente como se pode ver nas UE 405 e UE 406 (Fig. 11), ou ainda seguindo-os a partir do seu topo, inferindo então a planta que estes lhe sugeriam.

d) Os compartimentos C+D, com destaque para o pavimento de mosaico e os muros que o delimitavam formando um “L”: D era definido pelos muros m1 (a poente) e m4 e C demarcado a sul pelo muro m5. No lado oposto de m5, encastrado na parede sul dos armazéns, existia o tardoz de um tanque, com vestígios visíveis

no solo e na parede interior daqueles armazéns, correspondendo à estrutura B”, forrada a mosaico, da planta de Estácio. Uma canalização ao nível da base servia-lhe de esgoto. Esta canalização era coberta por uma camada de argamassa, sendo provável que, ao jeito de pavimento, se prolongasse e rematasse com o mosaico, ali destruído. A ligação com este não era visível em virtude das escavações anteriores terem atingido um nível abaixo do piso, que teria substituído a parte degradada do mosaico ainda na Época Romana. A estratigrafia subsistente nesta área resulta, fundamentalmente, das escavações anteriores. Na parca área com estratos inviolados (UE 404) verificou-se que imediatamente sobre o mosaico apareciam vestígios de derrube do telhado a que se sobrepunham derrubes de muros de taipa, por vezes com estuques agarrados. Os muros que delimitavam estes compartimentos, com base em pedra unida por argila, eram em taipa daí para cima, forrados com distintas camadas de estuque pintado, ora encontrado *in situ* ora derrubado. Junto ao tanque que está sob os armazéns foi detetado um bloco de taipa com 0,145 m de espessura (meio pé romano) por 0,45 m de altura (pé e meio romano) e 0,91 m de comprimento (pouco mais de três pés romanos). Este bloco, que remete para as dimensões do módulo do taipal com que foi

Fig. 6 – A ação do mar na área 5 e o aparecimento e início da escavação do *dolium*.
A – mó



Fig. 7 – O *dolium* da área 5 restaurado e desenhado.



constituído o muro em taipa, com dimensões que lembram também grandes adobes, testemunha como seriam construídas as paredes a partir da base de pedra: com taipa ou blocos de adobe que se alinhariam ao longo daquela base, sendo posteriormente revestidos com estuque.

e) A intervenção na área 5 não estava planeada, tendo sido forçada pelo facto de o mar ter posto a descoberto durante os meses de outubro e novembro desse ano, quando acompanhávamos o levantamento do mosaico, um

grande *dolium* quase completo (Figs. 6 e 7). Este elemento, bem como outros que apareceram no talude da área do compartimento E'' da planta de Estácio, suscitou que se implantasse aqui uma quadrícula com o intuito de salvaguardar o *dolium* e registar de forma rápida e expedita o que entretanto estava a ser destruído pelo mar.

Do interior do *dolium*, cravado no piso de terra batida do compartimento, foi possível recolher cerca de uma dezena de quilos de sedimentos com restos de preparados



Fig. 10 – Estrutura de combustão (lareira) da área 5.

mos, cravadas no mesmo pavimento de terra batida dentro do compartimento E'' (entretanto quase destruído), quatro ânforas de produção africana incompletas e já bastante fragmentadas, restando apenas as metades inferiores. Três destes recipientes encontravam-se *in situ*. A ameaça do mar sobre este sector do talude no momento em que foram identificadas não permitiu mais do que a recolha e registo em planta georreferenciada. Apesar de possuímos apenas as partes inferiores dos contentores é possível classificar duas ânforas como africanas II D, uma como Hammamet 2 (ou como africana grande do tipo Keay 35B) e outra como sendo do tipo Africana IIIc (= Keay 25-sub tipo 2) destinadas a conter vinho e azeite, para além de preparados piscícolas.

A interpretação deste espaço como cozinha viria a confirmar-se pelo facto de a limpeza do talude, após a investida do mar, para oeste da quadrícula implantada, e ainda dentro do espaço do compartimento E'' da planta de Estácio da Veiga, ter permitido identificar uma lareira assente na plataforma de pedras e argila que regularizava o espaço dos compartimentos anexos (compartimento C e E' da mesma planta), que ficariam, assim, a uma cota superior (Fig. 10).

Esta lareira (UE 510) encostava ao muro poente do compartimento-cozinha sendo que o *dolium* encontrava-se no lado oposto, isto é, junto ao muro m6, que fechava o mesmo compartimento a nascente. Estava coberta com restos de taipa derrubada e estuque liso, bem como carvões (no lastro). Quase ao nível do lastro foi detetado um fragmento de cerâmica vidrada

melada e uma moeda de 20 centavos, testemunhos da passagem por ali da vala aberta por José Formosinho. A lareira era delimitada por *lateres* ou pedras em cutelo com ligante de argila refratária amarelada. A base era do mesmo tipo de *lateres*, muito fragmentados e igualmente assentes e ligados com a mesma argila. Note-se que este compartimento (E'') é o mesmo que é delimitado a nascente pelo grande muro (m6) que possui adossados, de um lado e do outro, dois pequenos tanques assinalados na planta de Estácio, nomeadamente F e F'. O primeiro destes tanques, registado em 2003 e cujos vestígios de *opus signinum* agarrados a m6 ainda eram visíveis, faria, assim, parte da cozinha. Do lado exterior ficaria o tanque F', e, um pouco acima dele, já no talude, sensivelmente à mesma latitude do *dolium*, toda uma área que teria servido de zona de despejo de cinzas e matéria excedente da cozinha. Finalmente de registar que o muro perimetral m6, robusto e bem construído, apresentava, sobrepostos, três níveis de construção: m6a, alicerce ligeiramente mais saliente que a parte posterior, de alvenaria fortemente argamassada com nódulos negros de pozolanas, a conferir-lhe cor acinzentada; m6b, troço do mesmo tipo, a partir do qual arrancavam os tanques F e F'; m6c, troço em silharia, mais estreito que os anteriores, com argamassa castanho-clara, mais friável.

f) Uma observação rápida ao talude que o mar tem vindo a escavar, permitiu ainda fazer alguns registos, a saber:

- Para poente da área 1, a cerca de 7 m (coordenadas do limite oeste, M-594.130/P-65.820), junto ao leitor de paisagem do Parque Natural da Ria Formosa e Costa Vicentina ali colocado há alguns anos (entretanto "engolido" pelo recuo da linha de costa), apareceu no talude, a cerca de 0,2 m abaixo da superfície de circulação atual, um pavimento de grandes tijoleiras quadrangulares (0,45 m de lado). Este pavimento, com cerca de 2,2 m de extensão conservada, correspondente ao alinhamento de cinco daquelas tijoleiras, era limitado a nascente por um muro visível naquele corte. Por baixo deste piso de tijoleiras, existia, sobre a areia, uma pequena camada de nivelamento que se prolongava até m1, ao nível da sua base, onde se detetaram, já perto de m1, três fragmentos de uma mesma peça de *terra sigillata* hispânica de Andújar

Dragendorff 29/37, datável do último terço do século I. Não é de excluir a hipótese deste nível corresponder a uma zona de circulação antes da edificação, não anterior a meados do século III, dos compartimentos com mosaico onde incidiram os nossos trabalhos;

- No compartimento K da planta de Estácio da Veiga, cujos restos já registados se encontram entretanto quase completamente destruídos pelo mar, verificou-se que, anexo ao seu lado nascente, existia outro compartimento sem mosaico e com pavimento em argamassa de cal que não consta daquela planta. Para norte existia igualmente outro compartimento, também não registado, com um pavimento do mesmo tipo, ainda que a uma cota superior aos anteriores. Enquanto o rodapé do pavimento destes se encontra a 0,6 m de altura do início da fundação dos muros do compartimento, o rodapé do pavimento do compartimento a norte e anexo a K está a 1,2 m daquela fundação. Em K, de onde José Formosinho levantou o pavimento de mosaico, notavam-se ainda as *tesselae* incrustadas no muro por onde teria sido cortado o mosaico. Estas *tesselae*, e, portanto, o mosaico que cobria o compartimento K, estão a 0,6m de altura da base ou início da fundação do muro. Assentam sobre uma fina camada de argamassa (0,002 m), que por sua vez assenta num composto de argamassa castanho-alaranjada com 0,045m/0,05m de espessura. Este *nucleus* assenta, por sua vez, numa camada composta por argamassa de cal e pequenas pedras (*rudus*) com seixos na sua base (*statumen*). Esta camada tem uma espessura de 0,07 m sem os seixos e de 0,12 m com os seixos que assentam na duna, tal como os muros, ainda que estes sejam mais fundos.

Os dois compartimentos adossados a K não constam da planta de Estácio, tendo sido possível detetar apenas a parte visível no talude do rodapé e do pavimento que se juntam aos muros comuns, norte e nascente, do compartimento K. Este tipo de pavimento é constituído por argamassa de cal com pequenos seixos com cerca de 0,045 m de espessura, que assenta sobre seixos. Continuando no talude e para oeste da sala k, existe um conjunto de compartimentos assim como uma pequena cisterna encimada por um tanque. Ambas as estruturas, bem como todos os vestígios de estruturas, caídos ou não, que se veem, foram registadas em 2008 (Medeiros, 2009).

2. 2. Os estuques pintados

Os três muros romanos que delimitavam os compartimentos C+D (m1, m4 e m5) com sapata de pedra e paramentos de taipa, eram revestidos com diversas camadas de estuque pintado sobrepostas. Alguns fragmentos desses estuques pintados com diversos motivos permaneciam *in situ*, particularmente em m1 onde a base em pedra era mais alta, o que permitiu observar pontualmente a sequência da sobreposição dos motivos, correspondentes ao plinto da composição pictórica. Já em m4 e m5, onde a sapata em pedra dos muros era mais baixa e os paramentos em taipa se encontravam derrubados, só foi possível recuperar pedaços de estuque muito fragmentados, dado que o seu suporte em taipa se encontrava desfeito. Esta camada de taipa derrubada com fragmentos de estuque (UE 404) correspondia a duas pequenas áreas, junto ao pavilhão pombalino, que totalizavam cerca de 2,5 m², as únicas ainda *in situ*. Aliás, desta zona recolheu-se um elevado número de fragmentos de estuque pintado em 1982, que se encontram depositados no Museu Nacional de Arqueologia. A sequência dos estuques pintados é a seguinte (Figs. 12, 13 e 14):

a) em m1, na face voltada para o interior do corredor, detetaram-se *in situ* quatro camadas em sobreposição, três delas pintadas, nomeadamente: m1a, a primeira camada de estuque, bem visível em m1+, onde melhor se conservou, e que foi coberta pelo canto sudoeste dos armazéns. Era a mais recente, tendo sido constituída na última fase de ocupação deste espaço. Em rigor é mais um reboco que um estuque, sendo idêntico ao que cobria o tardo do tanque B'''; m1b, bem conservada em m1+, que ficou visível após retirarmos m1a, que o cobria. Detetámos vestígios justapostos às camadas seguintes, m1c e m1d, em mais de metade do muro, onde a sobreposição foi destruída até m1d para lhe encostar o muro da Época Moderna m3. Depois de removido este muro, foi possível conhecer as espessuras das camadas que, embora não fossem uniformes, eram as seguintes: m1b (0,03 m), m1c (0,025 m) e m1d (0,015 m — espessura estimada). Junto aos armazéns, m1b assentava diretamente sobre o muro, constituindo a única camada pintada. Tinha apenas 0,005 m de espessura. O facto de neste troço de m1 exis-

Fig. 12 – Estuques pintados sobrepostos no muro m1 (camadas mais recentes).
A – m1b
B – m1c
C – m1f
D – m1e
E – m1b?

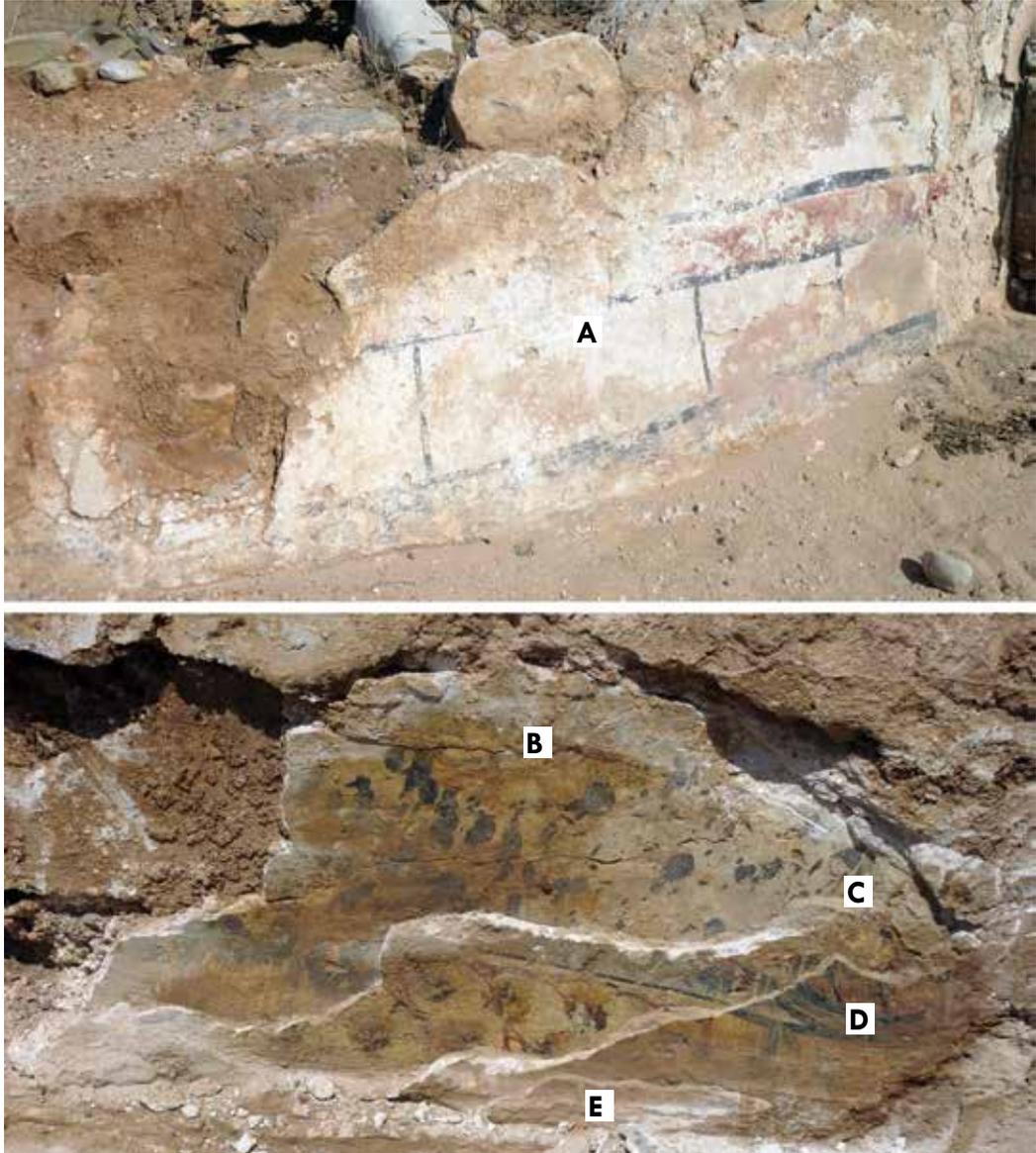


Fig. 13 – Estuques pintados sobrepostos no muro m1 (camadas mais antigas).
A – m1d
B – m1c



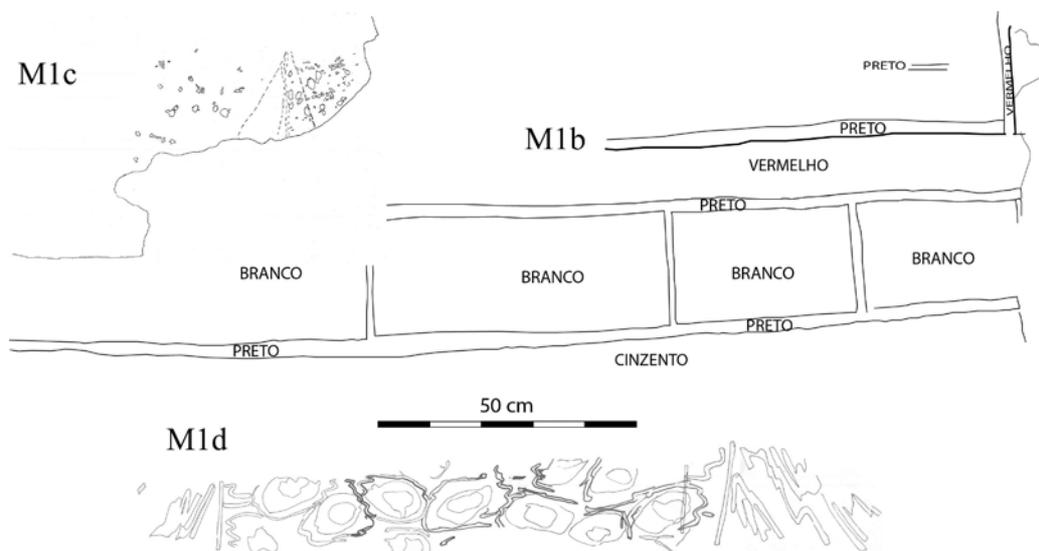


Fig. 14 – Desenho das camadas de estuque pintadas mais representadas.

tir só aquele revestimento pintado assente diretamente na estrutura é mais um fator a indicar a posterioridade da construção do troço, que teria sido acrescentado, como atrás referimos, já na segunda metade do século IV. Os motivos pintados eram faixas cinzento-escuras, vermelhas e branco-bege, nem sempre perfeitamente retilíneas, a formar retângulos, dispostos da seguinte forma: da base do muro arrancava uma faixa cinzento-escura, o rodapé, com 0,1 m de altura, a que se seguia um grupo de quadrados e retângulos brancos delimitados por bandas vermelhas verticais de 0,04 m de altura e uma única banda preta superior com c. de 0,025 m. Superiormente vigorava uma faixa a vermelho com 0,115 m de altura, separada mais acima, por uma banda negra com 0,025 m de largura, de outra em cor branca. Era notória a má execução artística e as medidas apresentadas nem sempre eram regulares (Fig. 14); m1c era a camada pintada visível na metade sul do muro (lado do mar), numa pequena extensão, e junto à sua base. Sob fundo branco-bege, eram visíveis pequenos motivos informes pintalgados a negro como se, ao acaso, se tivesse atirado pequenas porções de tinta contra a superfície, fazendo lembrar o método dos pintores abstracionistas do século XX. São bem notórios os sulcos feitos na sua superfície para permitir uma melhor adesão ou da camada de estuque que se lhe sobrepôs ou do muro da Época Moderna m2 que ali encostou. A sobreposição desta camada a m1d era particularmente bem visível nesta zona. Aparecia ainda junto ao ponto onde m3 se apoia em

m1, mas aqui m1c é sobreposta diretamente por duas camadas que só foram identificadas neste ponto: m1e e m1f (Fig. 12). Estas camadas estão assim entre m1c e m1b, sendo difícil de compreender se em alguma altura cobriram todo o plinto do muro ou se resultam apenas de arranjos ou remodelações pontuais neste troço. De qualquer forma e dada a sua espessura, parece provável que correspondessem a mais duas camadas que só aqui se preservaram, pelo que m1 parece ter sido revestido, ao nível do plinto, por uma sucessão de seis camadas de estuque ao longo de cerca de 150 anos, entre meados do século III e inícios do V. A espessura de 0,03 m que demos para a camada m1b, deve antes corresponder à espessura das três camadas, uma vez que tanto m1e como m1f têm uma espessura, respetivamente, de cerca de 0,005 m e de 0,01 m.

Igualmente bem visível e bem preservada na extremidade do muro junto a m2, que a cobria parcialmente, era a camada m1d. Preservava-se em 0,4 m a contar da base e era constituída por motivos pictóricos abstratos, formando linhas serpenteadas a vermelho, cinzento e amarelo em fundo branco-bege (Fig. 13).

Composições pictóricas semelhantes às da zona intermédia das paredes pintadas do *frigidarium* das termas leste de Miróbriga, às quais já foi atribuída uma cronologia tetrárquica (284–305 d.C.) ou anterior (Biers, 1988, pp. 91–98 e fig. 196; Rosário, Duarte & Maciel, 2002, p. 168), quadram bem com o nosso exemplar. Junto ao exterior de m2, que também cobriu os



Fig. 15 – Fragmentos de estuques pintados de m4 e m5.

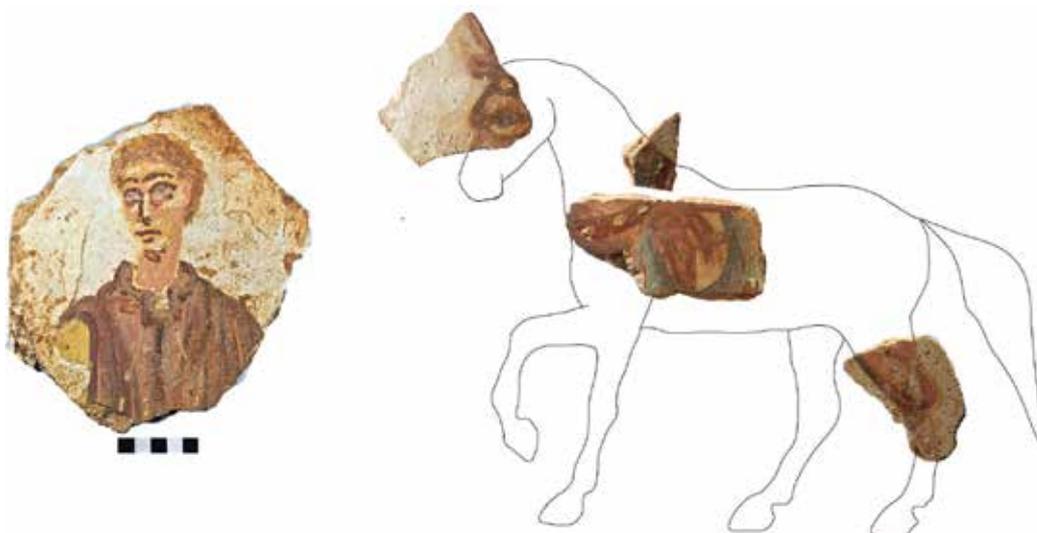
estuques, rematava e cobria o mosaico num pequeno rodapé em meia-cana com os mesmos motivos. Trata-se da camada mais antiga, contemporânea da aplicação do mosaico.

b) em m4, no muro que fechava o compartimento D a nascente e era comum ao compartimento E da planta de Estácio da Veiga, por onde se acedia a partir de uma porta que nele se abre, também se detetaram estuques sobrepostos. Este muro era constituído, na base, por silhares com 0,2 m a 0,3 m de lado, ligados por argila, a que se sobrepunha camada de taipa e todo ele era revestido a estuque. Não detetámos estuque pintado *in situ*, em parte porque, à semelhança de m1, uma camada de reboco cobria a pequena altura do muro conservada, que aqui não ia além de 0,35 m. Todavia, junto ao vértice com m5, foram recolhidos no solo alguns fragmen-

tos de estuque com duas camadas sobrepostas, pelo que estimamos que este muro teria, pelo menos, três camadas sobrepostas de estuque, a saber: m4a, reboco/estuque não pintado, semelhante a m1a; m4b, pintado, com motivos geométricos lineares de bandas a vermelho em fundo branco, identificado sob m4a e muito residualmente *in situ*. Apresentava ainda linhas de outras cores, como castanho-claro e cinzento. Sobre o mosaico, entre a taipa caída, o estuque com estes motivos foi identificado em alguns fragmentos, estando coberto por outro estuque não pintado, ou ainda cobrindo outra camada com motivos bem diferentes. Foi o caso do fragmento recolhido junto ao ângulo m4-m5, em que um grande fragmento de estuque pintado com esses motivos lineares se sobrepunha a uma camada de que só se via o fundo branco. Ainda nesta área, outro fragmento apresenta motivos completamente diferentes, podendo corresponder à camada que lhe subjaz: sobre fundo branco foram pintados alguns motivos informes a verde que poderão representar folhas (Fig. 15); m4c, camada em que, à exceção do fragmento com folhagens a verde sobre fundo branco acima descrito, mais nada se identificou como a ela pertencente. Este fragmento apresenta bem visível dois sulcos retilíneos que se interseccionam e que parecem corresponder às linhas auxiliares ao desenho da composição, como de resto é comum observar um pouco por todo o lado (Abad, 1982, p. 147).

c) Em m5, no muro que dava continuidade em ângulo a m4 e que fechava a sul o espaço C,

Fig. 16 – Estuques com pinturas figurativas de m5.



constatou-se a mesma realidade. Era similar a m4, quer ao nível da sua constituição quer dos revestimentos, igualmente com várias camadas. Na m5a era reboco não pintado visível na parte do muro preservada, que não excedia 0,04 m de espessura. É provável que nas partes média e superior da parede este reboco desse lugar a uma ténue película de cal detetada sobre alguns dos fragmentos de estuques pintados caídos; em m5b, encontraram-se porções de estuque bem conservado tombadas junto à canalização do tanque B^{III}, por trás do bloco de taipa aqui encontrado. Os motivos desta camada, possivelmente da mesma fase de m1b e de m4b, caracterizam-se por motivos lineares de cor avermelhada, preta e castanho-claro, formando painéis. São os motivos mais comuns nos cerca de 400 fragmentos que recolhemos. Seria dentro deste tipo de painéis, na zona intermédia, que se enquadravam os fragmentos com duas figuras humanas e um equídeo (Fig. 16).

Desconhecemos por completo o tipo de composição em causa, quer porque a maior parte dos estuques já tinham sido removidos pelas intervenções anteriores, quer pelo estado de fragmentação dos elementos recolhidos. Também não conhecemos a relação entre o equídeo e as figuras humanas. O equídeo, de que restam escassos fragmentos, apresenta-se com arreios em azul, amarelo e castanho, sendo uma montada de alguém com estatuto. Já as figuras humanas aparentam ser gente humilde, a avaliar pelas vestes e forma simples como estão representadas. De uma das figuras, a melhor conservada em cerca de 0,02 m² de estuque, observa-se a parte superior do corpo de um rapaz jovem, vestido com uma opa castanha, que deixa ver, ao nível dos braços e pela abertura da frente, a veste inferior de cor amarela. Do peito pendem as pontas de um cordão que ata em cruz a abertura frontal da veste. Pelas vestes, pode interpretar-se como um criado, com olhar orientado para algo ou alguém. Estaria ele a puxar o cavalo pelos arreios? Da outra figura, pior conservada, que representa alguém de condição similar, resta a parte superior do rosto e parte do corpo com o mesmo tipo de veste. É possível que, cavalo e humanos, integrassem um quadro onde figurasse o *dominus* do sítio, como é prática comum a partir de meados do século IV em representações musicais e pictóricas de certos ambientes domés-

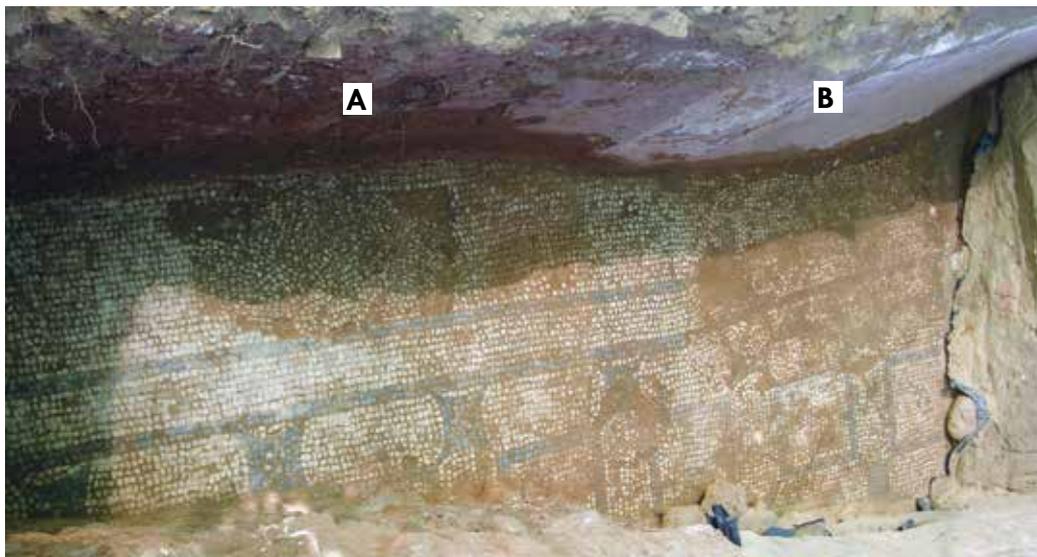
ticos, como na casa-basilica de Mérida (Mostalac, 1997). Os motivos humanos terão sido cobertos posteriormente pela fina camada de cal m5a. Já m5c é a mesma camada que m4c, conhecida sobretudo pelo facto de alguns fragmentos da camada anterior estarem sobrepostos a outros, relativos a esta camada.

Na interface do muro m5 com o mosaico abrimos uma pequena sondagem parietal com 0,06 m de lado. Verificou-se que, na base, todas as camadas de estuque sobrepostas assentavam no mosaico, a partir do revestimento em taipa do muro. Esta taipa cobre o muro à maneira de reboco e é nela que encosta o mosaico, assentando, então, sobre estes o estuque. Assim, enquanto os estuques e respetivos programas pictóricos foram sucessivamente substituídos por sobreposição ao longo das gerações, o pavimento de mosaico manteve-se sempre o mesmo. Ao longo do século e meio que esteve funcional foi sendo reparado e remendado, mas nunca substituído.

2.2. O mosaico

O mosaico encontrava-se relativamente bem preservado na área afeta ao compartimento D da planta de Estácio da Veiga, à exceção da área onde assentou a estrutura da Época Moderna, que o destruiu em grande parte. Com uma composição ortogonal de quadrados adjacentes, já foi bem descrito por Catarina Viegas no relatório dos trabalhos arqueológicos de 2003. Limitado pelos muros m1 e m4 a poente e nascente, prolongava-se para sul, infletindo, de acordo com aquela planta, para poente, em direção ao compartimento K. No compartimento C daquela mesma planta, encontra-se muito destruído, sobretudo numa faixa paralela ao armazém pombalino, cuja construção o teria danificado. A estrutura que o limitava por este lado (a norte) teria sido também destruída aquando daquela construção. Todavia, parece que já na Época Romana se apresentaria muito danificado aqui, sendo frequentes os remendos feitos em *tesselae*, *opus signinum* ou através de uma argamassa de cal que colmatava as partes destruídas. Sendo limitado no lado sul pelo muro m5, o compartimento C seria fechado a nascente por um muro visível à superfície registado nas escavações de 1982. O pavimento de

Fig. 17 – Mosaico junto a m1, vendo-se alguns remendos e a inflexão do muro acompanhada pelo mosaico.
A – m1
B – m1+



mosaico não se regista, provavelmente porque foi destruído, no troço final que o ligaria àquele muro. Este, que designámos de m7, tem uma diretriz paralela a m1+, pelo que a sua intersecção com m5 não se faz em ângulo reto. Seria este muro contemporâneo de m1? É tentador supor que inicialmente teria sido o prolongamento de m6 para norte a fechar o compartimento de mosaico por nascente, que, posteriormente teria sido encurtado com a construção de m7. Todavia, pelo facto das nossas escavações não terem atingido esta área, desconhecemos se assim foi ou não e o que conhecemos das plantas antigas é o muro m6 fechar no ângulo com m5, sendo o muro m7 o que limitava o mosaico por nascente.

Junto ao ângulo de m5 com m4 o mosaico encontra-se destruído. O último módulo em quadrado aí visível e que remata o mosaico foi cortado a meio. Mais do que este remate significar o extremo do pavimento a acabar numa estrutura que o limitava (como uma soleira que não existe), este meio quadrado marca o ponto de encontro dos motivos de quadrados adjacentes que corriam de nascente para poente com os mesmos motivos que da outra ala (compartimento D da Planta de E. da Veiga) corriam de sul para norte. Assim, a aplicação do mosaico no compartimento C daquela planta terá sido executada de nascente para poente, ao passo que o do compartimento D o foi de sul para norte, encontrando-se os motivos junto ao ângulo de m4 com m5. O mesmo remate dos motivos do mosaico em meio quadrado encontra-se no limite norte do

compartimento C da planta de E. da Veiga, a cerca de um metro do armazém pombalino pelo que, aqui, a aplicação do pavimento, que teria decorrido de sul para norte, findava numa estrutura que se encontraria junto e com uma diretriz semelhante à parede do armazém pombalino. O mosaico, que aqui se encontra muito destruído, é coberto por uma camada de argamassa de cal que se prolonga sensivelmente até onde seria o seu limite, situado junto à parede da estrutura oitocentista. De referir que em m1+ o mosaico acompanha a inflexão do muro, ainda que tal tenha sido feito sem grande rigor técnico, e, diríamos, de forma atabalhoada (Fig. 17).

À semelhança do muro, parece também ser um acrescento para o acompanhar, reaproveitando para tal *tesselae*. É possível que aqui se tenha refeito a disposição do mosaico de forma a acompanhar o novo alinhamento do muro. É claro que relativamente à interpretação do limite norte do mosaico nos dois compartimentos pouco se sabe, e o que acabámos de afirmar é meramente hipotético. Só a escavação do interior do armazém permitiria esclarecer esta matéria, nomeadamente como é que era feita a ligação entre estes compartimentos e os tanques e as restantes estruturas na área do armazém que poderão ser interpretadas como parte integrante de um balneário. Sobre a canalização que servia de esgoto ao tanque (B'''), que se encontra nesta zona por baixo do armazém pombalino, recolheu-se um tijolo de secção e um outro com aleta lateral, certamente pertencentes às antigas estruturas termais.

2.3. Espólio e cronologias

O espólio não é particularmente abundante dado que a área onde as escavações incidiram já tinha sido repetidamente objeto de escavações. Aliás, estas intervenções desde o século XIX, bem visíveis no corte 2 (Fig. 11), são marcadas quer por cerâmicas dos séculos XIX e XX no caso das intervenções de Estácio da Veiga e de Formosinho, quer por plásticos negros e areia e por tela geotêxtil e areia na parte corresponde às quadrículas abertas por F. Alves e A. Silveira, respetivamente. As cerâmicas do século XIX, constituídas sobretudo por faianças, estão presentes na área 1, nomeadamente na parte externa de m1. Aparecem também nas áreas das estruturas modernas associadas com fragmentos do século XX e com outras cerâmicas vidradas e comuns e pesos de rede cerâmicos, que poderão recuar aos séculos anteriores. De registar ainda em m1 alguns metais, cerâmica doméstica, cerâmica fina tardia como *terra sigillata* africana e dois grandes fragmentos de um prato e de uma taça de cerâmica estampada cinzenta gaulesa tardia, dita *Derivada da Sigillata Paleocristã* (DSP), uma moeda, fragmentos de mosaico e de estuque pintado. Os fragmentos da DSP, das formas 1 e 35 de Rigoir e datados de finais do século IV/século V (Rigoir, 1968; Raynaud, 1993), correspondem aos últimos momentos da ocupação do sítio.

Para além do espólio cerâmico das áreas ou compartimentos 2 e 3 onde se recolheram alguns fragmentos da Época Romana e, sobretudo, pesos de rede, faianças, cerâmica vidrada e cerâmica comum dos séculos XVIII–XIX, principalmente no compartimento 3, a divisão 2 é marcada por um conjunto alargado de pregos, cavilhas e vários ferros aparentemente ligados ao edifício que aqui existiu na Época Moderna. Apesar da passagem das valas de José Formosinho que revolveram profundamente os sedimentos, estes metais assentavam diretamente no pavimento forrado a pez conjuntamente a uma fina camada de areia e de carvões que podemos relacionar com a destruição deste edifício, senão antes, pelo menos com o tsunami de 1755.

Da área 4 o espólio correspondente aos compartimentos do mosaico é constituído sobretudo por fragmentos de estuque. São cerca de 400 fragmentos que apareceram concentrados nas pequenas áreas nunca intervencionadas, e que

se repartem sobretudo pelos motivos lineares, ainda que, como vimos, haja alguns fragmentos figurativos e com decoração vegetalista (folhas). Outros materiais reportam-se a algumas cerâmicas domésticas comuns ou cerâmicas finas, sendo estas principalmente constituídas por *terra sigillata* africana do tipo C e D que apontam para cronologias em torno do século IV ou inícios do V, como é o caso de uma taça da variante precoce do tipo Hayes 91 (Bonifay, 2004, p. 179).

O espólio mais significativo da cozinha escavada na área 5 corresponde aos restos de quatro ânforas e ao *dolium* com os seus restos de sedimento de pasta de peixe (Fig. 7). Estes elementos não permitem recuar a datação desta área de cozinha além da metade do século III, o que é confirmado por alguns fragmentos de forma indeterminada de *terra sigillata* africana dos tipos C e D. Duas das ânforas encontradas *in situ* são integráveis na variante D tipo Africana II, ligadas ao transporte de azeite e datáveis de meados do século III ao primeiro terço do IV (Bonifay, 2004, pp. 115–117). Outro contentor pode-se classificar como uma africana grande do tipo Keay 35B, produzida nos dois primeiros terços do século V (Bonifay, 2004, pp. 133–135), ou talvez como uma Hammamet 2 que conheceu uma longa evolução do século III ao V (Bonifay, 2004, p. 93). O quarto contentor anfórico, talvez vinário, corresponde a uma ânfora cilíndrica de médias dimensões da forma Africana IIIc, datável do fim do século IV à primeira metade do V (Bonifay, 2004, pp. 119–121). Finalmente, desta área há a referir o *dolium in situ* encastrado no piso térreo da cozinha com restos de sedimento de preparados piscícolas cuja análise recente ao DNA presente nos restos revelou que o conteúdo foi constituído a partir de sete espécies de peixe (Landi & alii, 2015). Aliás, a recolha recente por um turista de uma vértebra de cetáceo que cobria a boca de mais um contentor cerâmico que o mar destruiu no talude, acentua a diversidade dos recursos marinhos que as populações da Boca do Rio exploravam (Fig. 18).

O conjunto destes dados e a completa ausência em todo o sítio da *terra sigillata* focense tardia, que marcam os contextos algarvios a partir de meados do século V, conjugado ainda com outros elementos interpretativos, permite afirmar com segurança que o sítio da Boca do Rio é abandonado nas primeiras décadas daquele



Fig. 18 – Vértebra de cetáceo jovem que tapava a boca de um contentor.

século. É ainda de referir o aparecimento de fragmentos de ânforas e de *dolia* de produção bética nas areias sob o mosaico, após o levantamento deste. Apesar de serem constituí-

dos por bojos/paredes, o que dificulta a sua classificação, a forma hemisférica de alguns destes fragmentos poderá pertencer a ânforas oleárias do tipo Dressel 20 ou ainda à parte inferior de contentores Beltrán IIB frequentes no local, o que constitui um *terminus post quem* para o pavimento. Estes dados conjugados com o conjunto do espólio encontrado e com a natureza das sequências construtivas, coloca a construção da área intervencionada em meados do século III ou um pouco antes, altura em que o sítio se poderá ter expandido até aqui, então *locus* não edificado. Aliás, as prospeções de superfície permitem identificar a oeste da parte escavada a maior concentração de materiais do Alto Império, nomeadamente de *terra sigillata* sudgálica, hispânica e africana clara A. A ausência em todo o sítio de *terra sigillata* itálica e de outros elementos característicos da primeira metade do século I leva-nos a colocar nos seus meados o início da ocupação da Boca do Rio.

3. A evolução do edificado: (re)interpretando a planta de Estácio da Veiga

A intervenção de 2010, como referimos atrás, foi determinada pela remoção do mosaico, tendo incidido sobretudo nas áreas já sucessivamente intervencionadas em quatro das cinco campanhas mais antigas. Como tal, a interpretação da realidade arqueológica ficou condicionada por esse fator. No entanto, é possível alinhar algumas ideias a respeito da parte residencial do sítio e contribuir para a compreensão da evolução desta ocupação e da sua organização.

A área apresentava materiais cerâmicos alto-imperiais, embora descontextualizados e escassos, pelo que terá sido ocupada antes da construção das estruturas. Desconhecemos toda e qualquer informação sobre esta primeira fase de ocupação, apenas que existiu, se não no espaço escavado, pelo menos nas imediações. A conjugação dos dados que obtivemos faz supor que não terá sido edificada antes da primeira metade ou mesmo de meados do século III. Sobre as areias da duna construíram-se os compartimentos com mosaico D+C, bem como o conjunto de estruturas contíguas de cariz doméstico. Os muros assentaram diretamente nos burgaus da plataforma dunar, como

no caso de m7, ou, quando o terreno era constituído por areias, sobre enrocamento artificial, como no caso de m1. Toda a área delimitada pelos muros foi nivelada com areia ou areia e argila compactadas para receber os pavimentos de mosaico, ou em terra batida, no caso do compartimento E". Os muros eram, no seu primeiro meio metro (m4 e m5) ou metro (m1), construídos em pedra frequentemente bem aparelhada, e daí para cima, em taipa. É possível que m6, que apresentava maior solidez a partir da base, não fosse em taipa, já que se trata do muro perimetral do lado do mar, mais exposto à erosão. Sobre as camadas do nivelamento foi aplicado o mosaico com um *nucleus* relativamente frágil. Os muros e os limites do mosaico acabaram cobertos por camadas sucessivas de estuque pintado. O passar do tempo e o desgaste acelerado provocado pelos ambientes marítimos justificou que em cerca de 150 anos, ou pouco mais, os revestimentos parietais tivessem sido remodelados, pelo menos ao nível do plinto de m1, cinco vezes. Ou seja, a cada 30 anos os estuques foram renovados ao passo que o pavimento de mosaico se manteve sempre o mesmo, embora com reparações.

Na área 5, o compartimento E", o único escavado por nós do corpo de divisões domésticas, o pavimento em terra batida, que a dada altura foi refeito, estava a uma cota inferior à das divisões anexas, embora a camada de regularização em nível mais alto dos compartimentos contíguos possa ter-se prolongado pelo canto noroeste de E" de maneira a construir a base da lareira.

No século IV, provavelmente em meados ou já na segunda metade, o espaço terá sido remodelado. O muro m1 parece ter sido acrescentado, numa ligeira inflexão para norte (m1+), sendo de admitir que nesta época a área do mosaico contígua ao acréscimo tenha sido refeita para seguir a nova orientação. Tal é sugerido pela forma como o pequeno troço de mosaico encosta a esta inflexão, parecendo tratar-se de uma reparação e não de uma construção de raiz. Partindo do princípio que foi usado ao longo de um século sem ter havido necessidade de restaurá-lo, por esta altura já se deveria apresentar muito degradado, o que abona a favor do remendo, nuns troços com *tesselae* e noutros simplesmente com argamassa de cal ou *opus signinum*. O novo troço de muro recebe a camada de estuque pintado com os painéis de linhas vermelhas e pretas em fundos branco-beges (m1b).

Esta camada prolongava-se por todo o muro, cobrindo as anteriores. m4 e m5 receberam também novos estuques, que se caracterizavam por painéis a vermelho e cinzento sobre fundos branco-beges (m4b e m5b). Em m5, um dos painéis recebeu o conjunto de figuras humanas e equídeo. Note-se que em meados do século IV começa a ser comum os proprietários das *villae* fazerem-se representar em painéis decorativos parietais ou nos mosaicos, frequentemente integrados em cenas do quotidiano. Poderá ter sido este o caso, ainda que as figuras representadas pareçam ser de gente humilde, apesar do cavalo apresentar arreios que remetem para outros estatutos. Algumas remodelações poderão também ter ocorrido na área do balneário que, no século XVIII, serviu de fundação aos armazéns aqui erigidos pela Companhia Geral das Reais Pescarias do Reino do Algarve, fundada no ano de 1773 (Lopes, 1841, pp. 89–90), que reaproveitam muitas das estruturas e materiais antigos das ocupações anteriores.

Escapam-nos o teor daquelas remodelações antigas, mas, em frente a m5, passa a sair do tardo de um tanque forrado a mosaico uma canalização que corre paralela ao mosaico conservado em direção a nascente. A sua localização situa-se onde antes correria um muro, hoje inexistente, que fecharia o mosaico da ala de m5, sensivelmente com a mesma diretriz da parede sul dos armazéns pombalinos. Desconhecemos se terá sido por esta altura que aquele muro foi desmontado, ou se tal só ocorreu com a construção dos armazéns no século XVIII, ou ainda se corresponde antes a um dos troços de muro que Francisco Alves identificou no interior do armazém sul (Alves, 1997). Certo é que o topo da canalização aparece coberto por uma argamassa de cal que vai prolongar-se até ao mosaico, à maneira de pavimento, sobrepondo-se-lhe parcialmente e rematando-o assim mesmo. Não é de excluir que esta argamassa de cal que cobre toda a extremidade norte do mosaico paralela àqueles armazéns, pertença a uma fase mais tardia, situada em finais do século IV, ou, mais provavelmente, em inícios do século V.

Desta altura deverá ser o reboco de argamassa de cal que é colocado sobre os estuques pintados de m1 (m1a) e m4 (m4a), ao passo que m5 é coberto com uma fina camada de cal (m5a). O tardo do tanque recebe o mesmo reboco, se é que não o tinha já antes. Todo o espaço pavimentado a mosaico, agora muito remendado,

deixa de ter paredes pintadas, passando a ser um espaço mais sóbrio do ponto de vista decorativo, sinais de uma época de decadência que culminará, a breve trecho, com o fim da ocupação do sítio. Este poderá situar-se, com efeito, nos primeiros decénios do século V. A ocultação do tesouro monetário com cerca de mil moedas detetado a poente da sala K da planta de Estácio, e cuja moeda de encerramento é um Ae3 de *Arcadius*, cunhado não posteriormente a 402 d.C., poderá indiciar a passagem dos Vândalos por estas paragens em 409 ou 410 d.C. Não é, pois, de excluir o abandono do sítio por esta altura ou pouco depois. Acresce a isto o facto de as cerâmicas típicas de finais do século V ou do século VI, como as focenses, estarem ausentes em todo o sítio e as formas de *terra sigillata* mais tardias identificadas nesta intervenção, nomeadamente uma taça da forma Hayes 91, e um prato e taça das formas 1 e 35 de DSP, corresponderem a produções dos últimos decénios do século IV ou já do século V (*vide supra*).

Após o seu abandono, o sítio volta a ser ocupado mil anos depois, com a mesma função de explorar os recursos do mar. Um documento de 1586 dá conta de uma armação no local, a de Almádena, composta por mais de 40 homens e barcos pequenos (BNL Res. cod. 10835 fl. 186, *apud* Corrêa, 1994, pp. 197–198). É com o intuito de defender esta armação da pirataria que, em 1631, é solicitado ao rei Filipe III a construção do forte de Almádena. Os compartimentos 2 e 3 cobertos de pez são os testemunhos dessa armação. A técnica construtiva, que difere da dos pavilhões pombalinos que reutilizam numa das paredes silhares semelhantes aos do pavimento da área 2, a cota inferior em relação àqueles, (mesmo considerando que estes também assentam nas ruínas romanas) e o próprio estado de conservação de uns e outros, sugere que sejam mais antigos. E isto apesar de alguns materiais aí encontrados, nomeadamente as faianças, remeterem para contextos bem mais recentes dos séculos XIX e XX, o que se explica como sendo vestígios das intervenções anteriores. Talvez que a fina camada de areia encontrada no pavimento do compartimento 2, juntamente com pregos e cavilhas, sejam testemunho da passagem do cataclismo de 1755, o que levará a construir novos edifícios pouco tempo depois.

4. Conclusão: Boca do Rio, uma *villa* marítima

O sítio da Boca do Rio inscreve-se no povoamento do litoral algarvio onde a exploração e transformação dos recursos marinhos está bem marcada. As cerca de três dezenas de sítios que se dedicavam a esta atividade apresentam por sua vez múltiplas diferenças que vão bem além de se inserirem ou não na esfera urbana e periurbana já bem assinalada por Lagóstena (2001). Fora do âmbito das cidades é bem notória a distinção entre os sítios pequenos e sazonais, que se podem classificar, de acordo com a literatura antiga, como *cetariae*, ligados mais a uma produção “artesanal” e em pequena escala (Bernal & García, 2014) e outros sítios mais elaborados, eventualmente com carácter permanente e que se podem inscrever na categoria de *villae* marítimas. Também este tipo de *villae* diretamente ligadas à exploração dos recursos piscícolas está bem identificado na literatura antiga, sendo múltiplas as referências a produções nas mãos de *domini* privados (Varrão R.r. 3.17; *Digesto* VIII, 4, 13; XXXIII, 7, 27). Nada melhor para o ilustrar que a alusão à *villa* marítima do siracusano *Pithius*, referida por Cícero (*De off.* 3.58–590), vendida por um preço muito acima do seu real valor, e onde é bem evidente que a frente marítima é encarada como “*fundus*” de exploração (García, 2006). Boca do Rio enquadra-se neste tipo de sítios, tal como outros ligados às atividades de transformação de recursos marítimos na costa algarvia de dimensão assinalável e bem estruturados, de que são exemplo, pelo menos, os sítios de Loulé-Velho, Praia da Luz, Abicada e talvez Manta Rota. Estes sítios combinam uma área residencial e termal, à maneira de *villa* agrícola, com uma parte industrial marcada por uma forte presença de *cetariae* que se organizam nas traseiras ou na parte lateral da fachada da casa. Obviamente que, quando tal se proporciona, as componentes agropecuárias também são exploradas, o que, por falta de terras aráveis nas imediações, não parece ter sido o caso da Boca do Rio cujos dados disponíveis só permitem relacioná-la com as atividades marítimas. Do ponto de vista funcional e da organização espacial, os dados disponibilizados desde a intervenção de Estácio da Veiga, no século XIX, até à que efetuámos em 2010, permitem reconhecer alguns núcleos bem distintos da(s)

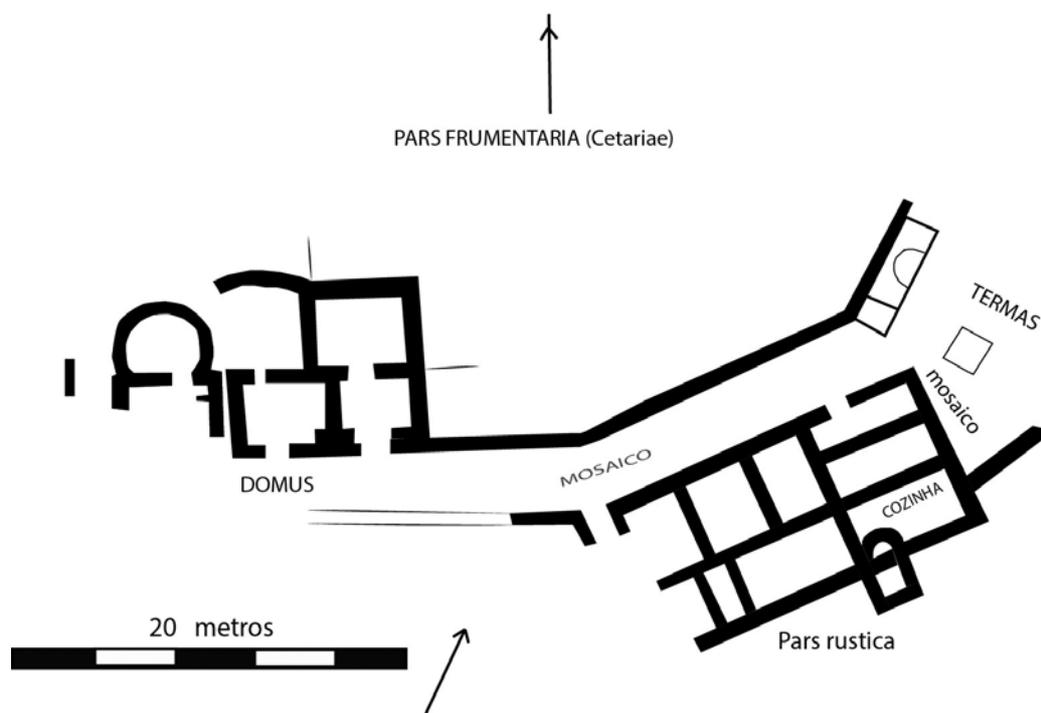


Fig. 19 – Interpretação da planta da área escavada com base no levantamento de Estácio da Veiga.

última(s) fase(s) da *villa* situada(s) em torno da segunda metade do século IV (Fig. 19).

Os compartimentos com mosaico da sala K e compartimentos anexos da planta oitocentista remetem-nos, pelas características arquitetónicas e de *ornamenta*, para um espaço residencial correspondente a uma *domus*. Este núcleo, que se prolongava para poente e nascente daquela sala configurando uma ampla frente marítima, ligava-se à área do balneário através de um extenso corredor pavimentado a mosaico, parcialmente registado por Estácio da Veiga e extraído na sequência da nossa intervenção. A parte do mosaico desenhada no século XIX (Santos, 1971, p. 81, Fig. 15) condiz com o ponto onde o corredor, correndo de norte para sul, inflete ligeiramente para oeste de forma a direcionar-se para a área dos compartimentos residenciais. Tratando-se de um mosaico ornado com motivos geométricos ortogonais, o problema do ritmado desse esquema na curva provocada pela inflexão foi solucionado com o elemento triangular só ali registado.

Da área do balneário, onde assentaram os dois pavilhões pombalinos, conhecem-se pavimentos de *opus signinum* e algumas pequenas piscinas, uma delas com escada e outra forrada a mosaico, no interior do pavilhão sul. Excluindo ações muito pontuais no interior dos armazéns

que se lhes sobrepõem, a área nunca foi escavada, pelo que fica por conhecer a disposição das divisórias deste edifício.

Na zona intermédia do corredor com mosaico, entre o balneário e a frente residencial, um corpo de divisórias que abriam para o corredor e para o lado do mar correspondiam a uma área de serviços domésticos. Uma dependência com contentores de alimentos, uma lareira, a ausência de *ornamenta* e os pavimentos em terra batida apontam para isso mesmo. No século XVI o corredor e pelo menos uma das divisórias foram afetados pela instalação no local de estruturas pesqueiras, como vimos.

Por trás desta frente marítima ficariam as *officinae salsariae* com as *cetariae* já identificadas nas sondagens de Francisco Alves. Os tanques, que se repartem por vários grupos, estão bem conservados sob as dunas que cobrem toda a zona e ocupam uma área relativamente extensa, de acordo com os resultados preliminares que obtivemos com as prospeções geofísicas aqui efetuadas em parceria com a *Göethe Universität*, de Frankfurt. Entre a parte residencial e a industrial é de admitir a existência de um pátio com uma fonte, correspondente ao tanque semicircular escavado por F. Alves na sua sondagem 7 (Alves, 1997, p. 234, fig. 9).

Mais para oeste, na frente marítima onde ainda se vê uma pequena cisterna que era encimada por um tanque, para além de grandes dependências, algumas com indícios de estuque pintado, ou de ter piso superior, poderiam ficar alguns armazéns. Os indícios de pisos superiores que se registam no complexo industrial V de Baelo (Arévalo & Bernal, 2007, pp. 130–155; García & Bernal, 2009, p. 158) ou de Tróia (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994; Étienne & Mayet, 2002, p. 82) têm sido interpretados como divisões ventiladas destinadas à secagem de peixe salgado. Os complexos piscícolas não prescindiam de estruturas de armazenagem como as detetadas no complexo da ilha do Pessegueiro (Silva & Soares, 1993, p. 129) ou da Quinta de Marim (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992). Finalmente e como que a reforçar o carácter permanente deste sítio à maneira dos estabelecimentos rurais congêneres, no morro ocidental, encontra-se a necrópole já assinalada por Santos Rocha quando por aqui passou.

Bibliografia citada

- ABAD CASAL, Lorenzo (1982) – Aspectos técnicos de la pintura mural romana. *Lucentum*. Alicante. 1, pp. 135–171.
- ALVES, Francisco (1997) – Em torno dos projectos da Boca do Rio e do Océan. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11–12, pp. 225–239.
- Apontamentos. < <http://drjoseformosinho.blogspot.com> > (consultado em 3 de novembro de 2015).
- ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia; BERNAL CASASOLA, Darío, eds. (2007) – *Las cetariae de Baelo Claudia: Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000–2004)*. Sevilla: Junta de Andalucía; Cádiz: Universidad.
- AZEVEDO, Pedro de (1896) – Extractos archeologicos das «Memorias Parochiaes de 1758». *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 315.
- BERNAL CASASOLA, Darío; GARCÍA VARGAS, Enrique (2014) – Talleres haliéuticos en la Hispania romana. In BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; BERNAL CASASOLA, Darío, eds. – *Artífices idoneos: artesanos, talleres y manufacturas en Hispania*. Madrid: CSIC.
- BERNARDES, João Pedro (2007) – Boca do Rio, 130 anos depois. *Xelb. Silves*. 7, pp. 341–354.
- BERNARDES, João Pedro; MARTINS, Adolfo Silveira; FERREIRA, Mário R. (2008) – Boca do Rio (Budens, Lagos). História e perspectivas de investigação de uma das mais emblemáticas estações arqueológicas romanas do Algarve. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: Hispania romana*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 115–124.
- BIERS, William R., ed. (1988) – *Mirobriga. Investigations at an iron age and roman site in southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981–1986*. Oxford (BAR International Series, 451).
- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine d'Afrique*. Oxford: Archaeopress.
- CORRÊA, Fernando C. Calapez (1994) – *A cidade e o termo de Lagos no periodo dos reis Filipes*. Lagos: Centro de Estudos Gil Eanes.
- ÉTIENNE, Robert; MAKAROUN, Yasmine; MAYET, Françoise (1994) – *Un grand complexe industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (2002) – *Salaisons et sauces de poisson hispaniques*. Paris: De Boccard.
- FORMOSINHO, José (1997) – O Dr. José Formosinho e a arqueologia do Algarve. In *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*. Lisboa: IPPAR, pp. 59–67.
- GARCÍA VARGAS, Enrique (2006) – *Garum sociorum: pesca, salazones y comercio en los litorales gaditano y malacitano. Época altoimperial romana*. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 39–56.
- GARCÍA VARGAS, Enrique; BERNAL CASASOLA, Darío, (2009) – Roma y la producción de *garum* y *salsamenta* en la costa meridional de Hispania. Estado actual de la investigación. in BERNAL CASASOLA, Darío, ed. – *Arqueología de la pesca en el Estrecho de Gibraltar. De la Prehistoria al fin del Mundo Antiguo*. Cádiz: Universidad, pp. 133–181.
- LAGÓSTENA BARRIOS, Lázaro (2001) – *La producción de salsas y conservas de pescado en Hispania romana*. Barcelona: Universitat.

- LANDI, Mónica; ARAÚJO, Alfredo; LOBO, Jorge; BERNARDES, João Pedro; MORAIS, Rui; FROUFE, Hugo; EGAS, Conceição; OLIVEIRA, César; COSTA, Filipe Oliveira (2015) – Ancient DNA in archaeological fish remains from the South of Portugal. In OLIVEIRA, César; MORAIS, Rui; MORILLO CERDÁN, Ángel – *Archaeoanalytics, Chromatography and DNA Analysis in Archaeology* (symposium, Esposende, 2014). Esposende: Câmara Municipal, pp. 209–217.
- LEAL, Augusto S. Pinho (1873) – *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- LOPES, João B. Silva (1841) – *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve*. 1.º vol. Faro: Algarve em Foco Editora (reed. facsimilada de 1988).
- MEDEIROS, Ismael (2009) – *O sítio romano da Boca do Rio: identificação e registo das estruturas arqueológicas visíveis à superfície*. Monografia do Curso de Licenciatura em Património Cultural (Arqueologia) apresentada à Universidade do Algarve. Policopiado.
- MOSTALAC CARRILLO, Antonio (1997) – El programa pictórico de la estancia F de la casa Basílica de Mérida. In TEJA CASUSO, Ramón; PÉREZ GONZÁLEZ, Cesáreo, eds – *La Hispania de Teodosio*. Salamanca: Junta de Castilla y León, pp. 581–603.
- RAYNAUD, Claude (1993) – Céramique estampée grise et orangée dite “dérivée de sigillée paléochrétienne”. In PY, Michel, ed. – *DICOCER [1]. Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n. è.-VIIe s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes: Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc oriental, pp. 410–418.
- RIGOIR, Jaqueline (1968) – Les sigillées paléochrétiennes grises et oranges. *Gallia*. Paris. 26:1, pp. 177–244.
- ROCHA, António Santos (1896) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 2, pp. 77–79.
- ROCHA, Manuel J. P. (1909) – *Monografia de Lagos*. Faro: Algarve em Foco Editora (reed. facsimilada de 1991).
- ROSÁRIO, Maria Augusta; DUARTE, F. Lourenço; MACIEL, Manuel Justino (2002) – Levantamento e leitura iconográfica dos frescos romanos de Miróbriga visíveis in situ no ano 2000. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 42, pp. 165–192.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio V. A. (1971) – *Arqueologia romana do Algarve*. vol. I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 78–106.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1993) – *Iha do Pessegueiro. Porto romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia (1992) – Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão): resultados preliminares das escavações de 1988–89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9–10, pp. 335–374.
- VEIGA, Sebastião P. M. Estácio da (1910) – Antiguidades monumentaes do Algarve. Cap. V. Tempos Históricos. *O Archeologo Português*. Lisboa. 15, pp. 212–218.
- VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, Octávio da Veiga (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26:8, pp. 113–138.